



Stefano Fusaro

Psicologia em emergência

Márcio Gagliato, psicólogo formado pela PUC-SP, há dez anos realiza trabalhos em países durante ou após guerras. "Não é uma decisão profissional, é uma escolha de vida", diz. Atualmente, Gagliato dirige na Líbia um programa da ONU para recuperar famílias afetadas pelo conflito no país. Pág. 05

Inglês para bolsistas

Os alunos com bolsas de estudo têm, a partir deste mês, uma nova oportunidade para ampliar seus conhecimentos: o curso de Inglês para bolsistas. A atividade será ministrada por um graduando de Letras: Inglês, com supervisão docente e apoio do PAC. Metodologia e material didático se basearão nas necessidades e características dos próprios estudantes. Pág. 09



PUC-SP

PUC-SP em Notícias

Jornal mensal da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

#60

Ano 6 - Março 2014

www.pucsp.br



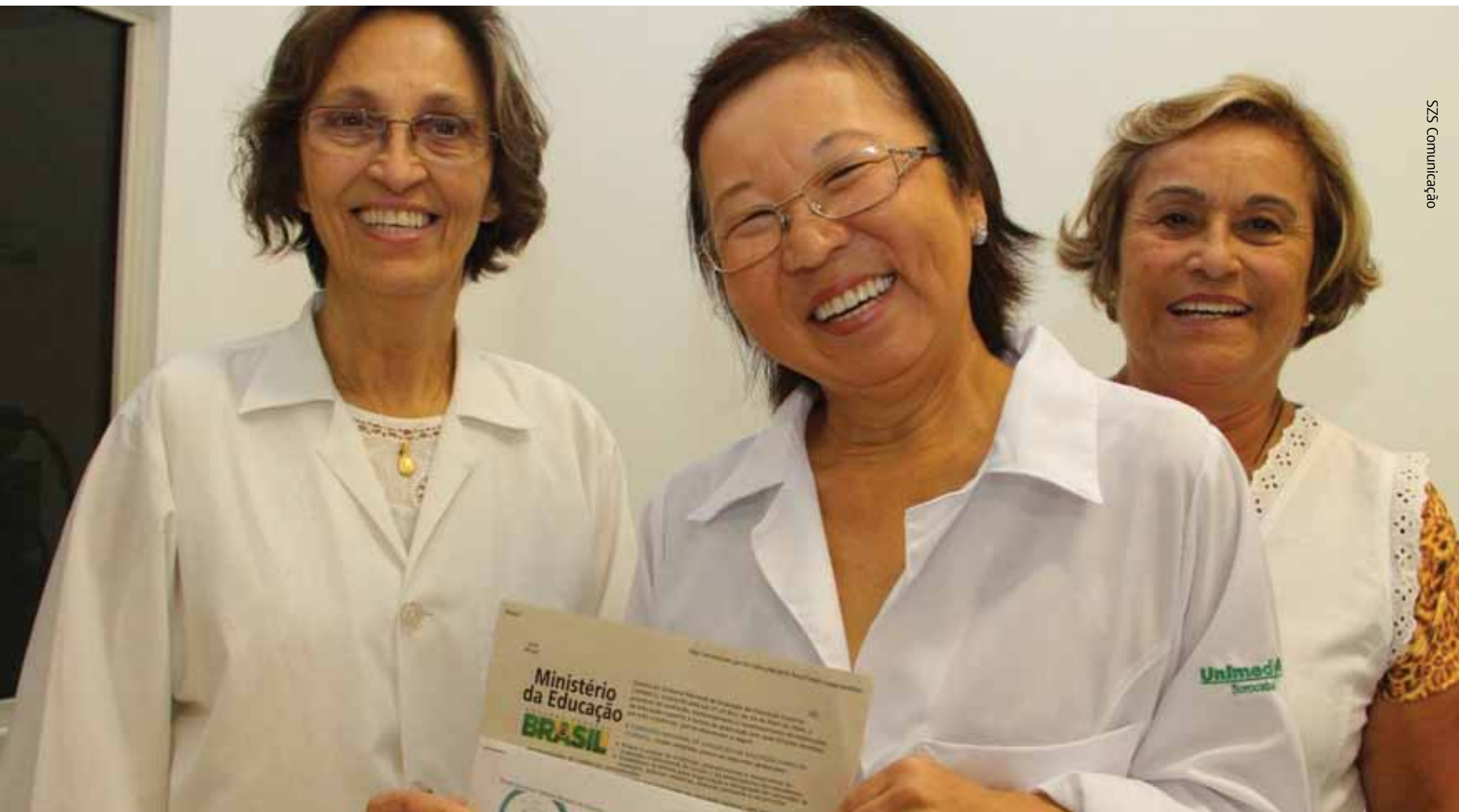
[puc_sp](#)



[PUCSP.Oficial](#)



[puc_sp](#)



SZS Comunicação

Enfermagem PUC-SP 1ª particular certificada no Mercosul

Pág. 07

03

Centro de Ex-alunos e direção do campus Monte Alegre têm novos gestores

04

Fala PUC-SP: qual sua sugestão para uma Copa bem sucedida?

11

Gosta de beisebol? Quer jogar? Procure o time dos alunos da PUC-SP

12

Entrevista do mês: o fotojornalista Renato Stockler e a busca por narrativas visuais



Editorial

O ano começou bem para a PUC-SP. Logo após a chegada dos calouros, que trazem um espírito de renovação para os *campi*, recebemos uma ótima notícia: nossa graduação em Enfermagem é a primeira de uma universidade privada do país a receber a certificação do Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação do Mercosul. O resultado, que abre uma série de possibilidades para o curso em termos de parcerias internacionais, é fruto do trabalho dos docentes e da inovadora metodologia ativa utilizada no ensino dos alunos (pág. 07).

2014 se inicia “com o pé direito” também para os 19 aprendizes surdos da Dercid que concluíram o *Programa de Formação Profissional de Surdos* (pág. 10); para o aluno Cesar Franciscato Melo (Administração), que venceu um torneio simulador da BM&F Bovespa (pág. 10); e para os estudantes que participarão do curso de Inglês para bolsistas – parceria entre o coletivo estudantil ProUni-se, o Departamento de Inglês e o Setor de Atendimento Comunitário (PAC) da Pró-Reitoria de

Cultura e Relações Comunitárias (pág. 09).

Esta edição de **PUC-SP em Notícias** apresenta algumas novidades para a Universidade. A professora Maria José Pacheco França Pinheiro Machado deixou a direção do campus Monte Alegre para iniciar uma reestruturação no Centro de Ex-Alunos. Para sua antiga função, foi nomeado Maykel Chagas Botelho, funcionário com 23 anos de casa (pág. 03). Falamos sobre o novo endereço da Clínica Psicológica (pág. 06) e as apresentações mensais que o curso de Comunicação das Artes do Corpo fará no Tuca (pág. 08). Apresentamos, ainda, as medidas da Reitoria para garantir que os ambientes da Instituição fiquem livres do fumo, seguindo as determinações da Lei Antifumo (pág. 03). A campanha de conscientização, além de explicar a legislação, terá como foco a saúde da comunidade – acabando com a exposição dos “fumantes passivos” nos *campi* e oferecendo auxílio àqueles que pretendem deixar o vício.

A Copa do Mundo é outro assunto deste número. Primeiro, na

oficina realizada pela ACI, em conjunto com a Faculdade de Direito, para explicar aos jornalistas os aspectos legais relacionados à competição e ao Direito Desportivo em geral (abaixo). É a terceira edição da atividade de relacionamento com profissionais de mídia promovida pela Assessoria, em menos de um ano. E o Mundial está no *Fala PUC-SP*: ouvimos dos estudantes o que eles pensam sobre o evento e se o Brasil se preparou bem para receber a Copa.



Por fim, ficamos felizes em contar a história do psicólogo Márcio Gagliato, ex-aluno da PUC-SP que há dez anos realiza trabalho humanitário e participa de projetos de intervenção em regiões de conflito e pós-guerra (pág. 05). Esperamos que sua experiência seja uma bela inspiração para os futuros profissionais que iremos formar.

Oficina para jornalistas

Copa do Mundo sem ‘juridiquês’

A Assessoria de Comunicação Institucional (ACI), em parceria com a Faculdade de Direito, promoveu no início de março mais uma ação exclusiva para jornalistas, no campus Monte Alegre. A atividade teve como objetivo auxiliar os profissionais de mídia (principalmente aqueles que não trabalham na editoria de esportes) a se prepararem para a cobertura da Copa do Mundo no Brasil. Com esta terceira edição, as oficinas da ACI já trouxeram mais de 200 de jornalistas à PUC-SP.

Erick Castelhero, editor-executivo do site Gazeta Esportiva, considera oportuno a Universidade, por conta dos seus “excelentes e renomados profissionais”, realizar um evento para tratar do tema. “É uma abertura importante, podemos tirar dúvidas com eles e consultá-los como fonte. O aspecto jurídico do Mundial é um lado que certamente iremos abordar em nossas pautas”, afirma. Monica Pretto Reolom não é jornalista de esportes (trabalha no caderno Metrópole, de O Estado de S. Paulo), mas mesmo assim se inscreveu para a atividade: “Vou cobrir as manifestações, mas é importante conhecer a Lei Geral da Copa e entender melhor esse ‘juridiquês’. Achei super legal, tem que fazer mais”, avalia. O diretor da Faculdade de Direito, Pedro Paulo Manus, abriu a oficina enfatizando a importância de os jornalistas conhecerem com mais propriedade as leis relacionadas à Copa e ao esporte em geral. As palestras foram ministradas pelos professores Paulo Sérgio Feuz e Roberto Armelin.

“A Lei Geral da Copa é totalmente compatível com a Constituição”, defende Feuz. Ele comentou particularidades da legislação, cuja vigência terminará no final da competição, como a venda de bebidas alcoólicas nos estádios (decisão que caberá a cada



Na mesa, da esq. para a dir.: os professores Feuz, Manus e Armelin

Estado) e a propaganda de empresas que não são patrocinadoras do Mundial. O professor Armelin focou sua apresentação nos recentes episódios ligados ao Direito Desportivo, como a queda da Portuguesa para a Série B do Campeonato Brasileiro.

“Rebaixar a Portuguesa, do ponto de vista da Justiça Desportiva, é aplicação da norma, por mais injusto que pareça. A pena foi válida, pois o clube aderiu à regra e cometeu um erro primário”, defende.



Qualidade de vida PUC-SP saudável e sem fumo



Thaís Polato

A PUC-SP iniciou o ano letivo com o objetivo de garantir 100% dos ambientes da Instituição, em todos os *campi*, livres do uso do tabaco e de qualquer produto “fumígeno”. Em breve, dará início à campanha **A sua liberdade termina onde começa a dos outros**, reforçando a ideia de que todos devem se conscientizar com a questão.

“A sociedade mundial está atenta à qualidade de vida e busca hábitos mais saudáveis. A Universidade caminha no mesmo sentido. Fazemos um apelo a toda comunidade para refletir sobre as consequências do uso de álcool, fumo e outros produtos fumígenos prejudiciais à saúde em nossas dependências”, afirma o pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias, professor Jarbas Vargas Nascimento. A campanha lançada pela Reitoria tem foco na proteção da saúde do fumante passivo e na oferta de auxílio àqueles que, voluntariamente, desejam parar de fumar. Segundo dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), o fumo passivo é a terceira maior causa de mortes evitáveis no mundo. Os interessados em obter apoio contra a dependência podem procurar o Setor de Atendimento Comunitário (PAC), da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias, para verificar entidades e instituições aptas a atendê-los. O setor fica na sala 63G, (térreo, prédio novo, campus Monte Alegre); os contatos são: (11) 3670-8544 ou pac.procr@pucsp.br.

Outro objetivo da campanha é esclarecer a comunidade e fazer valer em todos os ambientes da PUC-SP, inclusive os abertos, a Lei Antifumo (Lei Estadual 13.541/09). Ela prevê multa e fechamento temporário dos estabelecimentos onde for constatado o uso de tabaco e outros produtos “fumígenos”. Segundo o professor Christiano Jorge Santos, assessor para assuntos institucionais da Reitoria, o lema da campanha é um alerta para agirmos com responsabilidade e também para a necessidade de abrir mão de determinados desejos em prol da coletividade na qual nos inserimos. “A ideia é a conscientização, a abertura de possibilidade de tratamento aos que assim desejarem e, por fim, a tomada de providências em relação àqueles que resistirem a cumprir a determinação legal”, afirma o docente. A PUC-SP já foi autuada três vezes. Segundo Christiano, “a Universidade interpôs recursos, mas não foi possível reverter as punições”, alerta.

O valor das multas é repassado aos custos gerais da Instituição. “As consequências são várias e graves”, afirma o assessor. “O pagamento da autuação, por exemplo, não é responsabilidade do fumante. Pela lei, ela deve ser paga pela instituição de ensino que não impediu ou tentou impedir o referido consumo. Ou seja, o montante acaba sendo rateado entre todos”, explica.

A Lei Antifumo também prevê a suspensão das atividades da Universidade. “Como a PUC-SP já foi autuada em três ocasiões, é possível que isso ocorra de fato. Consideremos inconcebível a interrupção das atividades acadêmicas e profissionais de toda uma comunidade, em razão da prática de alguns. Por isso, estamos buscando a conscientização geral de professores, alunos e funcionários da Instituição”, enfatiza Christiano.



Veja por que não se pode fumar na PUC-SP e em nenhuma outra instituição de ensino:

www.leiantifumo.sp.gov.br/lei.php#map

Confira as autuações sofridas pela PUC-SP:

www4.pucsp.br/downloads2013/lei_antifumo.pdf

Para saber mais sobre a Lei Antifumo:

www.leiantifumo.sp.gov.br

www.leiantifumo.sp.gov.br/usr/share/documents/legislacao.pdf

Novidades

Ex-alunos e campus Monte Alegre



A PUC-SP tem duas mudanças na gestão. A professora Maria José Pacheco França Pinheiro Machado assume o Centro de Ex-Alunos, que passará por uma reformulação. Ela deixou a direção do campus Monte Alegre, cargo para o qual foi nomeado o funcionário Maykel Chagas Botelho.

“Vamos montar um projeto diferente do que existia”, explica Maria José, enfatizando que o momento atual é de reflexão e montagem do plano de ação. “Nosso foco será captar recursos e atrair ex-alunos para atividades de voluntariado”, complementa. Entre aquilo que pode ser trabalhado junto aos profissionais formados pela PUC-SP, a docente cita a revitalização de espaços e ambientes dos *campi*, bolsas de estudo e pesquisa.

Há pouco mais de um mês na direção do campus Monte Alegre, Maykel afirma que “o mais urgente é resolver aquilo que se relaciona ao bem estar das pessoas”. Com 23 anos de Universidade (SAE, matrículas, Faculdade de Direito), ele diz estar disposto para encarar a nova responsabilidade. “Estou andando muito, conversando com as pessoas. Não pretendo apenas receber demandas”, conta. “Acho importante que um membro do corpo administrativo ocupe esta função. Como estamos o dia todo na Instituição, temos um olhar objetivo sobre os *campi*”, avalia. **(T. Pa.)**



Fala PUC-SP

Copa no Brasil: dá para salvar?

Da redação

O ufanismo da ditadura militar estimulava o Brasil Grande. A música para a Copa do México, em 1970, dizia: "Noventa milhões em ação/Pra frente Brasil/Força Seleção". Hoje não somos mais noventa, e sim duzentos milhões; não vamos apenas jogar o Mundial de futebol, mas receber 31 seleções, turistas, profissionais de imprensa. Tivemos sete anos para nos preparar e agora, a menos de três meses do torneio, a situação não é animadora: a infraestrutura de telecomunicações não ficará concluída a tempo, há estádios que só estarão completamente finalizados após a Copa e a maioria das obras relacionadas a transportes nem saiu do papel. A esta altura, ainda podemos nos salvar de um vexame? Foi o que perguntamos a alunos, professores e funcionários: o que você faria para que a Copa do Mundo no Brasil fosse bem sucedida?

Thais Polato/ACI



Terminaria os estádios e melhoraria o transporte público para auxiliar na locomoção dos torcedores até os jogos. Mas não acho que o Brasil esteja preparado para receber a Copa do Mundo.

Angélica Tsai, aluna de Administração

Bete Andrade/ACI



Acho que a gente precisava de muito mais estrutura para comportar um evento como esse. É preciso mudar a mentalidade de quem está administrando tudo isso. Agora, já que vai acontecer, o mínimo que a gente pode fazer é tentar receber os torcedores estrangeiros da melhor maneira possível, sem causar tumulto.

Julia Figueira, aluna de Jornalismo

Thais Polato/ACI



A preparação deveria ter começado há uns 20 anos e construída junto com as pessoas, paulatinamente. Na minha opinião, a Copa já não deu certo. Todo o dinheiro que foi gasto poderia ter sido utilizado em outras necessidades do país. O Mundial não é uma das prioridades do povo brasileiro.

Gilvan Batista do Nascimento Júnior, aluno de Economia

Bete Andrade/ACI



Sou contra a Copa. Eu só colaboraria se recebesse alguma remuneração. Já que muitos recursos foram disponibilizados para o evento, por que não pagar pela mão de obra de quem está fazendo o espetáculo acontecer?

Damião Costa de Oliveira, funcionário da Faculdade de Ciências Sociais

Thais Polato/ACI



Para a Copa ser bem sucedida e passar uma boa imagem do nosso povo, temos que respeitar quem vem de fora e os próprios brasileiros. Se tiver de acontecer protesto, que seja de uma forma bem respeitosa. É também uma boa oportunidade para combater o racismo.

Wilian de Moraes Ribeiro, estudante de Direito

Bete Andrade/ACI



Se houvesse sensatez por parte dos governantes o Brasil não teria pleiteado receber o Mundial, então é 'burrice' agora falar contra o evento. O grande problema é que quem gosta do esporte vai ficar de fora dos estádios, pois é muito caro. É uma festa da qual o povo não vai participar, mas assistir pela televisão. Temos que reconhecer também que a Copa tem um padrão Fifa de qualidade, e isso nos faz perceber que a gente tem transporte de segunda categoria, estádio porcaria. Talvez o confronto com essa realidade seja positivo para que as pessoas tomem consciência e exijam seus direitos.

Antonio Carlos Amador Pereira, professor do curso de Psicologia

Thais Polato/ACI



Eu não faria a Copa. Nem teria começado, porque o Brasil não tem estrutura. Não podemos investir esse dinheiro absurdo em estádios, uma vez que a maioria dos brasileiros não irá usufruir disso. Poderiam ter investido em saúde, educação, cultura.

Ana Thereza do Amaral Bueno Galvão, estudante de Artes do Corpo

Bete Andrade/ACI



Acredito que a Copa não deveria ser o foco de um país tão subdesenvolvido como o Brasil. Faltou uma maior reflexão sobre os locais onde seriam construídos os estádios. Em São Paulo já temos quatro, além daquele que está sendo finalizado. Há ainda a construção dos campos de Manaus, Cuiabá e Brasília, centros que eu não tenho clareza se serão reaproveitados em benefício da população.

Laura Vieira, estudante de Relações Internacionais

Psicólogo puquiano na Líbia



Stefano Fusaro

‘Trabalho humanitário é uma escolha de vida’

Mara Fagundes

A destruição encontrada em países que foram palco de guerras é um dos cenários mais temidos por governantes e pela sociedade. Embora tais conflitos sejam uma realidade distante para a maioria das pessoas, há quem decida deixar o país de origem e viajar por territórios desconhecidos, trabalhando em prol daqueles que não tiveram escolha e foram vítimas da disputa de poder.

Este foi o caminho traçado pelo psicólogo Márcio Gagliato, ex-aluno da PUC-SP que já percorreu mais de dez países, como Timor Leste e Zimbábue. Seu trabalho humanitário teve início em 2004, quando participou do programa *Universidades em Timor Leste*, parceria do governo federal com instituições de ensino superior. Em 2007, após concluir o mestrado (também pela PUC-SP), ele foi selecionado para o *Columbia University Human Rights Fellowship Program*, onde considera ter consolidado sua opção. “Não é uma decisão profissional, é uma escolha de vida”, acrescenta.

Gagliato conversa com **PUC-SP em Notícias** diretamente da Líbia, que sofre com a guerra civil decorrente da queda do ex-ditador Muamar Kadafi, morto em 2011. Há dois anos, ele foi contratado para fazer parte da missão de suporte da Organização das Nações Unidas (ONU) e dirigir o maior programa de atenção psicossocial e saúde mental no contexto de emergência e pós-emergência do país. O objetivo é recuperar famílias afetadas pela guerra e criar centros que capacitem os próprios líbios para fazer esses atendimentos. “No contexto humanitário, os projetos precisam não só responder à emergência, mas criar uma estrutura para que a resposta permaneça. Se você termina

o programa e vai embora, sem deixar nada, acaba sendo pior”, explica. Na Líbia, a jornada diária de trabalho é de pelo menos 12 horas, com a possibilidade de ter que abandonar o país a qualquer momento – há riscos de golpe militar, da cidade ser tomada por milícias e de atentados terroristas. Numa ocasião, o carro que seria utilizado por ele em uma viagem foi alvo de tiros; nenhum integrante ficou ferido (é exigência das regras de segurança da ONU utilizar veículos blindados), mas todas as atividades foram imediatamente suspensas.

Outro desafio de Gagliato é esclarecer à população líbia que a intervenção humanitária visa apoiar famílias afetadas pela guerra. De acordo com ele, as possibilidades de suporte e intervenção surgem após uma escuta clínica e social das comunidades. Na maioria das vezes, diz, esse estudo acontece de forma natural: “Uma roda de conversa durante o chá, que é um ritual tradicional, discutindo as dificuldades que mães passam após perder filhos e maridos na guerra. É uma conversa que, se bem dirigida, oferece um importante suporte clínico, um método de trabalho horizontal que vi muito nas aulas da PUC-SP, com base no que falava Paulo Freire”, ressalta.

Àqueles que pretendem seguir a carreira humanitária, o psicólogo afirma que é preciso aproveitar as discussões promovidas no ambiente acadêmico, mas também partir para a prática. Ele conta que, quando morava no Brasil, experimentou a realidade de comunidades carentes para alimentar as reflexões e críticas sociais vistas em sala de aula. “Sair dos muros da Universidade e ir para o campo é o que faço aqui na Líbia. Isso mostra o que realmente funciona ou não”, declara.



Clínica Psicológica Atendimentos em novo endereço

A Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic” da PUC-SP está de casa nova. Desde o semestre passado, atende no bairro do Pacaembu. “Temos o desafio de imprimir o mesmo vigor que havia na Monte Alegre”, ressalta a diretora da unidade, professora Regina Sonia Gattas Nascimento.

Antes da mudança, a Clínica funcionava no próprio campus, onde ocorrem as aulas de Psicologia e estão concentrados os professores e estudantes. “Com as novas instalações, ganhamos uma casa mais modernizada e ampla. Por outro lado, o deslocamento, que antes era desnecessário, causa um certo desconforto”, constata a professora. Algumas ações estão em andamento pela equipe para minimizar a situação. “Conseguimos uma ferramenta para trabalhar com os prontuários dos pacientes *on-line*”, afirma a docente. A Clínica Psicológica da PUC-SP existe desde 1964. Presta serviços à comunidade, oferece trabalhos clínicos de diagnóstico, orientação e psicoterapias de diversas orientações teóricas. Os atendimentos podem ser individuais, em grupo, de casal e de família e são oferecidos a pessoas de todas as idades.

Por ser uma clínica-escola, dá suporte à integração entre formação acadêmica, prestação de serviços, promove pesquisas e incentiva a transmissão e a troca de referências clínico-institucionais. A unidade conta ainda com sete modalidades de aprimoramento e 16 serviços que garantem a diversidade do atendimento. É ainda campo de estágio para alunos do curso de Serviço Social e profissionais que cursam especialização em Família, Psicopedagogia e em Psicanálise na PUC-SP.

“Nossa clínica tem um funcionamento ‘de ponta’, com grande variedade de serviços coordenados de maneira multiprofissional. Buscamos sempre estar atentos às novidades e nos antecipar. Além disso, o atendimento é feito ou supervisionado por professores altamente qualificados”, ressalta Regina. **(T. P.)**



Thais Polato/ACI

Localize-se

Rua Almirante Pereira Guimarães, 150 - Pacaembu, São Paulo
2ª a 6ª feira, das 8 às 21h (com hora marcada)
(11) 3862-6070 e secretariacp@pucsp.br www.pucsp.br/clinica

Lançamento Comunicação e mídias sociais

Os professores Fábio Fernandes (Depto. de Ciências da Computação) e Pollyana Ferrari (Depto. de Jornalismo) lançam neste mês o livro *No tempo das telas: reconfigurando a comunicação* (ed. Estação das Letras e Cores).

Na obra, os escritores envolvem o leitor numa viagem por relacionamentos, sentimentos, informações e desejos que circulam em fluxos nas telas presentes na vida de oito personagens. Apesar de ficcionais, elas vivenciam experiências cotidianas reais – como coisas que acontecem conosco ou com amigos e pedaços de diálogos entreouvados na rua.

“Propomos mapear nossa relação diária com as telas, sejam de celulares, laptops, tablets e outros dispositivos. E pensar como o uso de redes sociais como Twitter, WhatsApp, Facebook, Instagram e milhares de aplicativos vêm mudando a forma das pessoas se comunicarem e, por consequência, a própria Comunicação”, diz Pollyana.

O livro, explica Fernandes, “é uma mistura do tempo líquido proposto por Zygmunt Bauman com as experimentações técnicas de Lev Manovich e sócio-antropológicas de Bruno Latour. Transitar torna-se, na nossa opinião, a melhor bússola desta primeira metade do século XXI”. Nesse novo contexto social, reflete, a Comunicação é um agente fundamental para construção de memória e sentido.

“Como comunicadores, devemos nos concentrar em propor melhorias para promover o uso da não-linearidade, cuja cognição ocorrerá conforme a bagagem cultural e signíca de cada leitor”, afirmam Pollyana e Fernandes. **(P. L.)**



Campus Sorocaba

Mercosul concede certificação ao curso de Enfermagem

Bruna Pretel

A Enfermagem da PUC-SP acaba de ser certificada pelo Sistema de Acreditação Regional de Cursos de Graduação (ARCU-SUL) do Setor Educacional do Mercosul. “Somos a primeira escola de Enfermagem de uma instituição de ensino privada do país a receber a acreditação”, comemora a professora e coordenadora Dirce Setsuko Tacahashi. “Ela atesta de maneira isenta e inquestionável, tanto no âmbito nacional quanto no internacional, a nossa excelência acadêmica”, complementa.

A certificação é válida até 2019 e abre uma série de vantagens aos alunos e docentes, como a participação em intercâmbios, cursos e estágios nos países membros do Mercosul (Argentina, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Venezuela e Brasil). Segundo Dirce, está em discussão a possibilidade do profissional formado por uma instituição acreditada pela ARCU-SUL atuar regularmente nesses países. No Brasil, o Sistema é administrado pela Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior (Conaes) e pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligados ao Ministério da Educação.

A avaliação da Enfermagem teve início em 2010. A graduação da PUC-SP foi convidada a parti-

cipar após a obtenção da nota 4 no Enade. Nos três anos seguintes, a Universidade providenciou a documentação exigida e recebeu avaliadores do Brasil e exterior. Eles visitaram o campus Sorocaba e conversaram reservadamente com alunos, ex-alunos, docentes, funcionários, gestores e parceiros. O resultado foi comunicado à Instituição em fevereiro deste ano.

Dirce considera que a utilização de metodologia ativa de aprendizagem (garantindo a proximidade entre alunos e professores, com apenas dez estudantes para cada tutor) foi determinante para a conquista. “Foram fundamentais também o exercício da prática profissional desde o primeiro ano e as parcerias que permitem o intercâmbio com outras universidades e escolas de enfermagem do mundo”, avalia.

Para as alunas do quarto ano Luíza Abeud Dellini e Cristiane Rodrigues Duarte, a acreditação é motivo de orgulho. “As portas se abrem. Fiz intercâmbio no Chile e, se houver a possibilidade, voltarei, pois a troca de experiências é incrível”, afirma Cristiane. “É uma honra saber que participei do processo de avaliação”, conta Luíza. “Os profissionais nos questionaram sobre a metodologia de ensino, campos de estágio, pesquisas realizadas pelo PET-Saúde e iniciação científica”, complementa. Iniciada em 1953, a graduação da PUC-SP já formou cerca de 2.500 enfermeiros.



Tuca

Artes do Corpo: teoria e prática

O Tuca inicia em março um novo capítulo de integração com os alunos da PUC-SP. Voltado para a dança, o teatro e a performance, o *Encontro das Artes do Corpo* pretende estreitar a relação com os estudantes, além de levar aos palcos a parte prática do conteúdo das aulas de Comunicação das Artes do Corpo. “Este projeto tem a cara do Tuca, pois promove a discussão da arte”, afirma Sergio Rezende, diretor do teatro.

Com curadoria da professora Ana Teixeira e da ex-aluna Fernanda Perniciotti, as apresentações no Tucarena serão mensais e questionarão o artista e suas áreas de atuação, o mercado de trabalho e o ensino das artes nas universidades, entre outras abordagens. Os encontros contarão com um artista, um docente do curso e um graduando. “É uma maneira de pensarmos juntos como construir uma discussão sobre as Artes do Corpo que não fique vinculada à ideia de que o artista falará sobre o seu processo”, explica Ana Teixeira.

No ano passado, o Tuca realizou um projeto semelhante, mas apenas voltado à dança. Com a ampliação, a expectativa é aumentar a participação dos alunos. “Vamos construir uma perspectiva em relação à produção dos artistas e do teatro e às pesquisas de professores e alunos. É uma crítica ao próprio ambiente”, ressalta Fernanda.

Os eventos são gratuitos e abertos ao público em geral. Na estreia, dia 24/3, às 20h, além da apresentação *Lugar para ficar em pé*, com Sheila Ribeiro, foi lançado o primeiro número da *Revista Vértebo*. (M. F.)



Imagem da apresentação *Lugar para ficar em pé*, com Sheila Ribeiro

Vladimir Herzog:

vida e morte



Na semana em que o golpe de 1964 completa 50 anos, o Instituto Vladimir Herzog e a Cia. Livre realizam no Tucarena duas leituras encenadas (foto) de peças históricas da resistência à ditadura militar. Ambas apresentam pontos de vista distintos sobre a vida e o assassinato do jornalista Vladimir Herzog: *Ponto de Partida* (31/3 e 3/4) e *Patética* (1 e 2/4).

De Gianfrancesco Guarnieri, *Ponto de Partida* tem início com um corpo enforcado numa árvore. Suicídio ou assassinato? Enquanto uns questionam a causa da morte, outros tentam esconder a violência e naturalizar o ocorrido. *Patética*, de João Ribeiro, traz uma trupe de artistas circenses que representa pela primeira e última vez a história de Glauco Horowitz – a estrutura metateatral da peça discute a censura e, ao mesmo tempo, a vida de Herzog.

As apresentações serão realizadas sempre às 21h. Mais informações: www.teatrotuca.com.br. (B. A.)



Palavra da reitora

Componente essencial do desenvolvimento cultural e socioeconômico de indivíduos, comunidades e nações, a educação superior vem sendo confrontada por grandes desafios neste século. Talvez seja um dos principais o alcance da chamada “qualidade total”, já que envolve áreas distintas da instituição, embora complementares, como produção de conhecimento, pesquisa, corpos docente e discente e a própria administração.

Atingir este desejado patamar leva tempo e demanda grandes investimentos por parte das universidades. Saem-se bem aquelas aptas a aceitar a renovação e dotadas de coragem e visão de futuro para empreender a mudança. A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo optou pela mudança e trabalha cada vez mais integrada com a sociedade civil e comunidades vizinhas aos campi. Vem se alinhando, ainda, com as agências de fomento, rankings universitários e o Ministério da Educação para oferecer os mais modernos processos de ensino aos seus alunos.

Igualmente importantes têm sido os “encontros com gestores”, realizados com sucesso no ano passado e que serão repetidos a partir do mês de abril. Ao lado de nossos professores, alunos e funcionários, os gestores são os principais agentes dessa mudança, pois com seu envolvimento e trabalho contribuem para o fortalecimento da imagem da Universidade.

Também por este motivo, eles foram convidados para uma palestra especial com o renomado consultor Yacoff Sarkovas.

A educação superior tem dado provas, no decorrer dos séculos, de sua destreza para modificar-se e induzir progressos na sociedade - um aprimoramento constante que a PUC-SP encara como missão.

Profª Anna Cintra

Comunidade PUC-SP Inglês inclusivo



Thiago Pacheco

A PUC-SP começou a oferecer, neste mês, um curso de Inglês gratuito para alunos da Instituição que possuem bolsas de estudos. O projeto é realizado em parceria entre o coletivo estudantil ProUni-se, o Departamento de Inglês e o Setor de Atendimento Comunitário (PAC) da Pró-Reitoria de Cultura e Relações Comunitárias. “Será uma oportunidade dupla”, afirma Erick Pinheiro de Carvalho Calistrato, graduando em Letras: Português-Inglês e idealizador da proposta. “Os bolsistas poderão se preparar e aprender uma segunda língua, e o professor, que será um aluno da graduação, poderá fazer um estágio e ter uma experiência de ensino durante sua formação”, avalia. Para Erick (foto acima), as pessoas imaginam que, ao chegar à universidade, os estudantes já saibam um segundo idioma. “Mas não dá para pressupor isso no caso dos bolsistas”, pondera. A partir dessa percepção, ele começou a articular, com o ProUni-se, um curso de Inglês voltado aos integrantes do ProUni. Uma sondagem inicial pelo Facebook indicou 80 interessados. Com a demanda quantificada, era preciso arrumar um espaço para as aulas; o grupo então entrou em contato com o PAC para conseguir uma sala no campus Monte Alegre. Conseguiram mais: o apoio institucional da Universidade para a empreitada.

“Estávamos pensando em criar uma política de permanência para alunos com bolsa, incluindo cursos de Inglês, Português e Matemática”, explica Sandra Paulino, supervisora do PAC. “O ProUni-se nos procurou, e após algumas conversas, vimos que poderíamos trabalhar juntos”, complementa. “Víamos como utópico realizar um projeto em conjunto com a PUC-SP. Está

acima de nossas expectativas, espero que seja o primeiro de muitos”, considera o estudante Thiago Viana (Geografia), membro do coletivo prounista. Sua colega, Nadja Aguiar (Administração), concorda: “É um grande passo”.

O PAC, a coordenação de estágios da graduação em Letras: Inglês e o ProUni-se trataram dos critérios para o processo seletivo e da concessão de bolsa-estágio para o graduando que dará as aulas. O PAC fará também acompanhamento dos bolsistas, auxiliando-os em qualquer tipo de dificuldade extra-acadêmica. Para Sandra, o projeto fortalece a inclusão social, cumprindo a missão de uma Instituição comunitária, filantrópica e católica: “Não se trata apenas de conceder uma bolsa de estudos, mas de complementá-la”. O conteúdo será desenvolvido pelo aluno selecionado para lecionar, com supervisão das professoras Maximina Freire e Maria Fachin Soares, ambas do Depto. Inglês. “Será uma iniciação à docência dentro da Universidade”, observa Maria, que também coordena os estágios e a graduação em Letras: Inglês. Maximina diz que o ensino terá um modelo diferente daquele adotado em escolas de idiomas: a metodologia e o material serão construídos a partir das necessidades e das características dos próprios universitários. “Criaremos tudo em função do grupo. Teremos turmas pequenas exatamente para garantir esse contato mais próximo”, esclarece.

O curso, semestral, iniciará com 45 estudantes, em três turmas. O graduando que lecionará, selecionado por edital, é o próprio Erick. “Sou professor de Inglês desde antes da graduação, por isso me acostumei com o início do ano letivo. Estou animado e ansioso para começar”, declara.



Derdic

Surdos no mercado de trabalho

“Além de me ajudar, o programa da Derdic é uma oportunidade de mostrar a cultura do surdo para os empregadores”, declara Lucas Moura, um dos 19 formandos



Bete Andrade/ACI

A Divisão de Educação e Reabilitação dos Distúrbios da Comunicação (Derdic) realizou, na noite de 20/2, a formatura da segunda turma do *Programa de Formação Profissional de Surdos*. Ao todo, 19 aprendizes foram contratados pela empresa de tecnologia da informação Tivit e capacitados para atuar na área administrativa pela Derdic.

O conteúdo programático do curso contemplou fundamentos básicos de informática, noções de computação, rotinas administrativas e dinâmicas, visando o desenvolvimento de atitudes e competências para o trabalho. A formanda Larissa Carvalho diz que, no primeiro dia, achou que o programa ia ser fácil – “mas

não foi. Depois as coisas foram acelerando”, conta. “Hoje estou contente, consegui um bom trabalho. Espero ser efetivada na empresa e ter uma vida profissional boa”, afirma.

A capacitação teve início em 2011 e, de acordo com a coordenadora, Gisela Nunes Cavallini, a perspectiva é crescer. “Começamos com quatro companhias e uma turma de 28 aprendizes. Atualmente, temos seis parceiros e cerca de 80 alunos”, conta. “O número aumenta pelo ‘boca a boca’. As pessoas ficam sabendo que os aprendizes conseguiram colocação em boas empresas e vêm nos procurar.”

“Além de me ajudar, a parceria é uma oportunidade

de mostrar a cultura do surdo para os empregadores”, declara Lucas Moura, um dos formandos. “Estou muito feliz. Estudei, treinei bastante, fui me desenvolvendo. Agora quero fazer graduação em TI para aprofundar os conhecimentos e melhorar a vida.”

Para o professor Jarbas Vargas Nascimento (na foto acima, em pé), pró-reitor de Cultura e Relações Comunitárias, oferecendo aprendizado, preparação profissional e entrada no mercado de trabalho a Derdic “realiza um trabalho grande e pioneiro de inclusão de portadores de necessidades especiais e de constituição de cidadania.” Ele representou a Reitoria na cerimônia. **(T.Pa.)**



Bete Andrade/ACI

Administração

Aluno vence simulador da Bovespa

Aos 25 anos, o estudante Cesar Franciscato Melo (Administração) conseguiu ao longo de um ano multiplicar por 263 um investimento inicial de R\$ 150 mil, acumulando cerca de R\$ 39 milhões. A façanha, que se fosse real poderia transformá-lo em novo milionário, acabou rendendo a Melo a vitória no prêmio *Simulador BM&F Bovespa Mercados Futuros* em 2013.

O programa *on-line*, fornecido pela Bolsa de Valores, tem foco educacional e permite que estudantes simulem investimentos e operações em tempo real. Melo começou a utilizá-lo como passatempo, mas quando começou a subir posições no ranking dos candidatos ao prêmio, resolveu investir seus conhecimentos. “Não foi fácil, mas como trabalho na área de risco de um banco, acompanho no dia-a-dia as informações relacionadas à Economia. Por isso não fiquei surpreso com a vitória”, conta. “O movimento do mercado é complicado. No simulador, teve dias em que perdi tudo o que havia ganho num mês, algo em torno de R\$ 10 milhões. Quando isso acontece, o que importa é ser rápido, assumindo o prejuízo e mudando a operação. Também é possível ganhar com a perda”, argumenta. **(B.A.)**



Beisebol na PUC-SP

Time recebe novos integrantes



“Nosso time é uma liga. Temos estudantes de Direito, Relações Internacionais, FEA, Medicina, do Pós em Ciências da Religião e alguns do campus Barueri”, diz Vitor Hugo Kasikawa, ex-aluno de RI

Bete Andrade

O Brasil, há muito tempo, exporta grandes talentos para o esporte internacional. Até mesmo naquelas modalidades em que não temos tradição. Em 2012, o paulista Yan Gomes se tornou o primeiro jogador brasileiro a participar da Major League Baseball (MLB), a maior liga do mundo, pelo Cleveland Indians. Ainda pouco conhecido, o beisebol tem avançado em nosso país: em 2012, a seleção brasileira se classificou pela primeira vez para o World Baseball Classic (WBC), espécie de Copa do Mundo.

Apesar das recentes conquistas, ainda são poucos os torneios e times amadores e profissionais no país. Um deles é o da PUC-SP, que existe há mais de 20 anos. O início se deu com um grupo de alunos que praticava o esporte em clubes e resolveu reunir colegas para disputar campeonatos. “O auge foi entre 2000 e 2004, quando nós ganhamos todos os campeonatos universitários. Mas essa turma começou a se formar, e então o grupo se abriu para a entrada de alunos que queriam aprender a jogar”, conta Pedro Luiz Ferreira de Almeida, jogador e aluno de Direito.

Apassionados pelo beisebol, os jogadores puquianos se esforçam para enfrentar problemas como a falta de integrantes, de espaço para treinos, de equipamento e verba para disputar campeonatos universitários. “Temos

muita dificuldade para conseguir qualquer tipo de apoio, então todos os gastos são divididos igualmente. Até inscrição em campeonatos somos nós quem pagamos”, esclarece Vitor Hugo Kasikawa, ex-aluno de Relações Internacionais. “Não temos nenhuma atlética nos representando. Como não se trata de um esporte muito popular no Brasil, é complicado reunir alunos de uma só área. Nosso time é uma liga, com graduandos em Direito, RI, da FEA, da Medicina, do Pós em Ciências da Religião e alguns do campus Barueri”, completa.

Para garantir a renovação e sua continuidade, o grupo de beisebol da Universidade aceita continuamente novos membros, e não é necessário que o candidato conheça as regras ou tenha alguma aptidão específica. “Trata-se de uma modalidade relativamente democrática. Há posições para todo tipo físico: para quem corre muito ou pouco, magros, gordos... Qualquer um pode jogar”, explica Almeida. “Um bom exemplo são aqueles que ficam na 1ª base, eles não correm muito. Babe Ruth, um dos maiores jogadores da história dos EUA, era obeso e foi um grande rebatedor. Sempre há uma posição para encaixar alguém”, finaliza. Para saber mais sobre a equipe acesse a página www.facebook.com/beisebolsoftbol.pucsp.7.

Expediente

Grão-chanceler: Cardeal Dom Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano de São Paulo

Reitora: Profa. Dra. Anna Maria Marques Cintra

Vice-reitor: Prof. Dr. José Eduardo Martinez

Pró-reitores:

Profa. Dra. Alexandra Fogli Serpa Geraldini (Educação Continuada)

Prof. Antonio Carlos Gobe (Planejamento, Desenvolvimento e Gestão)

Profa. Dra. Maria Amalia Pie Abib Andery (Pós-Graduação)

Profa. Dra. Maria Margarida Cavalcanti Limena (Graduação)

Prof. Dr. Jarbas Vargas Nascimento (Cultura e Relações Comunitárias)

Chefe de Gabinete: Prof. Dr. Lafayette Pozzoli

Assessoria de Comunicação Institucional (ACI)

Assessor de Comunicação: Claudio Junqueira (MTb 43.193)

Coordenadora: Thaís Polato (MTb 30.176)

Editor: Thiago Pacheco (MTb 45.691) **Reportagem:** Bete Andrade, Mara Fagundes (MTb 63.091) e Priscila Lacerda (MTb 38.135)

Projeto gráfico e editoração: Dialog Comunicação

Impressão: Artgraph

Tiragem: 3 mil exemplares

Redação: Rua Monte Alegre, 984, sala T-34 - Perdizes, São Paulo, SP
CEP 05014-901 - Tel.: (11) 3670-8002 e 3670-8003

E-mail: imprensa@pucsp.br



Entrevista do Mês Renato Stockler

A foto como história e pensamento

Priscila Lacerda

A possibilidade de contar histórias através de imagens foi o que despertou no jornalista Renato Stockler sua verdadeira vocação: a fotografia. Formado pela PUC-SP em 2002, ele trabalhou no jornal Folha de S.Paulo. A paixão pela fotografia documental, porém, o levou a montar, com o colega Bruno Miranda, a agência de produção de conteúdo visual Na Lata. Nesta entrevista, Renato fala sobre o início de sua carreira, a vivência na Universidade e a cobertura que tem feito, de maneira independente, das manifestações em São Paulo. “Não é que haja despreparo da mídia, o que existe é um desinteresse em discutir a situação e uma busca em desqualificar alguns movimentos”, considera.

Você sempre quis ser fotógrafo? Como foi parar na fotografia?

Descobri isso aqui na PUC-SP, na disciplina de Fotojornalismo, quando tive ótimas aulas com a Vera Simonetti e o Salomon Cytrynowicz (o Samuca) e o estímulo do Marco Aurélio Olímpio (funcionário do Laboratório de Fotografia na época). Eu também convivia com amigos que eram assistentes de grandes fotógrafos de publicidade, como o Fábio Pizza, que trabalhava com o Bob Wolfenson. Além disso, a forma como eu contava histórias sempre foi muito visual, tinha uma busca pela construção da imagem.

Qual a importância do fotógrafo ser formado em Jornalismo?

Aprender como criar narrativas e conseguir compreender as relações complexas que existem na concepção de uma história, seja atemporal ou não. Acima de tudo, acho fundamental a formação primária que Filosofia, Sociologia e Ciências Políticas fornecem. Isso me possibilitou ter pensamento um pouco mais crítico diante de uma notícia ou de uma informação específica, e me ajuda a enxergar as entrelinhas e compreendê-las de uma maneira não ingênua.

Como a formação e a vivência na PUC-SP influenciaram sua carreira?

Pela postura crítica, por alguns professores que me deram base muito interessante para pensar o texto. Mas principalmente o Silvio Mieli e o Jorge Rafael, que traziam para a sala de aula a análise de veículos de comunicação em mídias eletrônicas, lá em 1999, 2000. O Jorge trazia discussões de Guy Debord, Michel Foucault. Tínhamos professores que nos traziam para pensar questões políticas e isso me influenciou a ter, hoje, um pensamento mais voltado para as transformações. Eu acho que a humanidade pode caminhar através de transformações, e dentro da PUC-SP percebi que isso é viável. Sou um cara curioso, quando estava na Universidade circulei muito entre o pessoal de Sociologia, Psicologia, Filosofia, Geografia, Serviço Social, História, amizades que tenho até hoje. A PUC-SP tem uma coisa que é muito legal, essa troca entre as pessoas que participam e discutem a Instituição, os centros acadêmicos. Esta Universidade não é uma instituição pública, mas é de interesse público.



Mariana Jorge

Quem são seus ídolos da fotografia?

Não tenho ídolos, mas pessoas que admiro, como o Elliott Erwitt, um cara muito cômico e sarcástico nas fotografias. Cartier Bresson, Nan Goldin, Robert Capa, Alberto Corda, papas do fotojornalismo. Ao mesmo tempo, admiro muito uma geração nova aqui no Brasil, como Pedro Davi, João Castilho, Eustáquio Neves e Maurício Lima.

O que te dá mais prazer na fotografia?

A fotografia documental. Justamente pelo encontro, pela possibilidade de construir narrativas visuais. Busco uma composição extremamente bem realizada para montar uma imagem. É um exercício tentar quebrar com essa “paranoia”, porque eu sou muito cartesiano no meu pensamento fotográfico e às vezes perco situações e cenas. Gosto de volumes, linhas, formas, pessoas. Mas ver histórias nas pessoas e nos lugares é o que me deixa louco.

Você chegou a fazer cursos de fotografia?

Até tive vontade de fazer cursos, mas a questão técnica da fotografia nunca me mobilizou. Aprendi na marra. O que me motiva está muito mais relacionado ao pensamento sobre a fotografia do que à produção em si. A forma como se organiza essa pequena catarse que é criar uma imagem, partindo das influências que você tem no seu repertório, me deixa muito feliz. O que me desmotivou na Folha era utilizar técnicas que suplantavam a necessidade que eu tinha como fotógrafo, e não era isso que eu queria fazer. Pensar a fotografia é mais excitante que a técnica.

Você participou da cobertura das recentes manifestações em São Paulo. Qual a sua opinião sobre o caso do cinegrafista que foi atingido por um rojão no RJ?

Acho que há uma irresponsabilidade de todos os lados. Por

conta da ação do estado, que num período de movimentação política, em ano eleitoral e de grande evento esportivo no Brasil, tem atuado como um agente opressor. E há uma irresponsabilidade por conta de muitos manifestantes, embora ache que a história não seja como ela chegou para a gente. Ao mesmo tempo, por cobrir as manifestações de forma independente, mas tendo experiência profissional, avalio que houve irresponsabilidade também da Rede Bandeirantes por colocar o cinegrafista desprotegido no conflito. Por que, com 50 mil pessoas na rua se digladiando, ele não tinha nem capacete?

A imprensa está preparada para essas coberturas?

A imprensa é fetichista, olha para o fogo, a bomba, a cara de desespero e constrói imagens a partir de recortes. Eu digo isso porque ouvi da boca de editores: “você tem que voltar com essa foto para cá”. Isso não é pauta, é construir uma realidade. O que interessa para a imprensa é desqualificar esse tipo de movimento. Não estou dizendo que a ação dos *black blocs* seja certa ou errada, mas há um conflito social latente nas ruas. Não é que haja despreparo da mídia, o que existe é um desinteresse em discutir a situação e uma busca em desqualificar alguns movimentos. Não dá pra dizer que a mídia não está preparada para isso porque talvez a própria sociedade não esteja.

Que dicas daria a quem cursa jornalismo ou está em início de carreira?

Primeiramente tem que olhar para a universidade como um espaço de troca e saber usá-la, não de forma hedonista, mas de uma maneira coletiva. Aproveite, use a estrutura, crie, ouça, critique, não aceite coisas prontas. O ensino superior é um primeiro passo para construir um caráter social. Reflita quem é antes de começar a trabalhar, porque você vai ter um peso social, uma responsabilidade sobre um mundo em constante transformação, cada vez mais acelerado, principalmente em termos comportamentais.